

Diálogos

Diálogos - Revista do Departamento de
História e do Programa de Pós-Graduação em
História

ISSN: 1415-9945

rev-dialogos@uem.br

Universidade Estadual de Maringá
Brasil

Tonding Kern, Monica; Schemes, Claudia; Castilhos de Araújo, Denise
,A MODA INFANTIL NO SÉCULO XX: REPRESENTAÇÕES IMAGÉTICAS NA REVISTA DO GLOBO
(1929-1967)

Diálogos - Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História, vol.
14, núm. 2, 2010, pp. 399-427
Universidade Estadual de Maringá
Maringá, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=305526881010>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

,A MODA INFANTIL NO SÉCULO XX: REPRESENTAÇÕES IMAGÉTICAS NA REVISTA DO GLOBO (1929-1967) *

Monica Tonding Kern

Claudia Schemes

*Denise Castilhos de Araújo***

Resumo. Este artigo analisa a história da indumentária infantil no século XX por meio de fotografias infantis publicadas na *Revista do Globo*, a qual era editada na cidade de Porto Alegre/RS. Para a compreensão das significações de tais representações imagéticas, a história da infância também é revisitada a partir de uma revisão bibliográfica, que se ocupa em identificar as principais transformações ocorridas no conceito de infância e, consequentemente, na moda infantil. A análise das imagens foi realizada através de conceitos elementares da Semiótica (signo, significantes e significados), através da qual foi possível identificar os prováveis sentidos presentes nos trajes infantis.

Palavras-chave: infância; indumentária infantil; moda; Revista do Globo.

CHILDREN'S FASHION IN THE 20TH CENTURY: IMAGETIC REPRESENTATIONS IN GLOBO MAGAZINE (1929-1967)

Abstract. This article analyzed the history of children's clothing the 20th century, from child photographs in *Globo* magazine, which was published in the city of Porto Alegre/RS. To understand the significances of these imagetic representations, the history of childhood is also revisited starting from a bibliography review, which identified the main transformations that took place in the concept of childhood, and consequently in children's fashion. The images were analyzed through elementary concepts of Semiotics (sign, signified and signifier), through which it was possible to identify the probable meanings present in the children's clothing.

Keywords: childhood; children's clothing; Globo Magazine; fashion.

* Artigo recebido em 20 de outubro de 2009 e aprovado em 15 de março de 2010.

** Professoras da Universidade Feevale – Rio Grande do Sul.

LA MODA INFANTIL EM EL SIGLO XX: REPRESENTACIONES IMAGÉTICAS EN LA REVISTA O GLOBO (1929-1967)

Resumen. Este artículo analiza la historia de la indumentaria infantil en el siglo XX, a través de las fotografías publicadas en la revista *O Globo*, editada en la ciudad de Porto Alegre (RS). Para la comprensión de las significaciones de tales representaciones imagéticas, la historia de la infancia también es revisitada a partir de una revisión bibliográfica, identificando las principales transformaciones que ocurrieron en el concepto de infancia y, en consecuencia, en la moda infantil. El análisis de las imágenes fue realizado a través de conceptos elementares de la Semiótica (signo, significantes y significados), permitiendo identificar los probables sentidos presentes en los trajes infantiles.

Palabras Clave: infancia; indumentaria infantil; moda; Revista *O Globo*.

INTRODUÇÃO

A análise da infância e sua indumentária ao longo dos tempos é um tema que consideramos relevante para o campo da história cultural. A utilização de fotografias de periódicos como objeto de análise dessa temática é inovadora, visto que são poucos os trabalhos que se ocupam com estudos da moda e aparência infantil.

A partir dos anos 1970, com as discussões realizadas à luz da chamada Nova História, com seus novos objetos e temas, que se distanciavam de uma história marxista e de uma história social totalizante, percebemos que os estudos sobre a infância passaram a fazer parte do interesse dos historiadores.

Ante a carência documental sobre moda infantil, optamos por transformar a Revista do Globo, publicada em Porto Alegre/RS de 1929 a 1967, em objeto de investigação. Procuramos deslindar quais foram as representações imagéticas da infância na revista e, a partir delas, realizarmos um estudo histórico através de uma análise semiótica. Partimos do pressuposto de que as fotografias são textos, constituídos por signos, e, como tais, passíveis de significação e de serem considerados “modelos sociais” (BARTHES, 2005). Para a análise das imagens, seguimos orientações conceituais de Saussure (BARTHES, 2005), uma vez que pretendemos desvelar os sentidos expressos nesses textos por meio da análise das linguagens que constroem as fotografias. Desse modo, a analogia proposta por Barthes serve para a distinção

daquilo que é língua – indumentária social - daquilo que é fala – a atualização individual da indumentária, que se constitui em traje. Ao nos depararmos com as imagens selecionadas, procuramos explicitar os significados pela análise dos significantes, intentando reconhecer as prováveis significações das vestimentas infantis.

As fotografias selecionadas para esta pesquisa foram retiradas de páginas especificamente destinadas a apresentar aos leitores os filhos de outros leitores. A revista disponibilizava um espaço que pode ser considerado coluna social, não apresentando um título específico, ora usando a expressão “gente miúda”, ora não utilizando título algum.

A CRIANÇA NA HISTÓRIA: MODA E INDUMENTÁRIA INFANTIL

Para analisarmos a moda das crianças e suas relações com o conceito de infância, primeiramente julgamos oportuno definirmos o que entendemos por moda. Segundo Mesquita,

desde os tempos mais remotos o ser humano interferiu sobre o seu corpo. Os sentidos primordiais do vestir são pensados pela maioria dos historiadores como pudor, proteção ou adorno. Muitas vezes, porém, esses direcionamentos [...] não se separaram de conotações simbólicas [...] e da comunicação (MESQUITA, 2004, p.22).

A palavra *fashion* pode assumir diferentes significados, dependendo do contexto no qual esteja inserida. No *Oxford English Dictionary*, por exemplo, verificamos que sua etimologia remete ao latim *factio*, com o significado de fazer ou fabricar. Deste modo, “o sentido original de *fashion* se refere a atividades; *fashion* era algo que uma pessoa fazia, diferentemente de hoje, talvez, quando empregamos no sentido de algo que usamos” (BARNARD, 2003, p.23).

No tocante às possibilidades de definição de moda, vale ressaltar que o mais importante para esta pesquisa é perceber que este assunto é multidisciplinar. Moda e indumentária, assim como todos os assuntos que as cercam, são relevantes para muitos estudos em diferentes áreas, as quais utilizam a moda como uma ferramenta de análise. Por isso, como nos diz Barnard (2003), causa pouco espanto que este assunto pareça diferente quando percebido no contexto de cada disciplina.

A história da indumentária nos mostra os “modos de vestir”, que era o que havia antes de “moda”, como uma relevante forma de estudo

sobre a sociedade de qualquer época, visto que a indumentária interfere diretamente nos costumes quando a moda é analisada como um sistema de significados em que experiências, valores e crenças de uma sociedade são comunicados através da roupa.

Já o sentimento de infância¹, no decorrer da história, passou, e ainda vem passando, por várias transformações. Sua concepção não está relacionada apenas às questões biológicas, já que, segundo Postman, “as leis de sobrevivência não exigem que se faça distinção entre o mundo adulto e o da criança” (POSTMAN, 1999, p.11), mas se referem, principalmente, a uma estrutura social, ao modo como a sociedade se relaciona, à família, à educação, à religião, etc.

Na Grécia Antiga e no Império Romano ainda não existiam definições para o que era ser criança, mas foi aí que surgiu a primeira ideia do sentimento de infância, pois havia preocupação especial com que as crianças frequentassem a escola.

Nos tempos medievais desapareceu a noção de infância cultivada pelos gregos e romanos, mas isso não quer dizer que as crianças fossem maltratadas, negligenciadas, abandonadas ou desprezadas pelos adultos. O sentimento de infância não diz respeito somente à afeição pelas crianças, mas também a uma consciência sobre suas necessidades e particularidades, pois, segundo Postman:

a falta de alfabetização, a falta do conceito de educação, a falta do conceito de vergonha, estas são as razões pelas quais o conceito de infância não existiu no mundo medieval. Devemos incluir na história, é claro, não só a dureza, mas em especial, a alta taxa de mortalidade infantil. Em parte por causa da incapacidade de sobrevivência das crianças, os adultos não tinham, e não podiam ter com elas, o envolvimento emocional que aceitamos como normal (POSTMAN, 1999, p.31).

A alta mortalidade infantil também era um problema constante no Brasil, e, mesmo tendo sido abrandada em meados do século XVI, continuou “impressionante” até o século XIX, sendo motivo de investigações médicas:

Na sessão da Academia de Medicina de 18 de junho de 1846, levantaram-se várias hipóteses [para as causas da mortalidade infantil.[...] o abuso de comidas fortes, **o vestuário impróprio**,

¹ Para esta pesquisa utilizamos o conceito de infância da Organização Mundial da Saúde, que diz que a infância estende-se do nascimento aos 11 anos de idade.

o aleitamento mercenário [...] a falta de tratamento médico quando das moléstias, os vermes, as umidades das casas, o mau tratamento do cordão umbilical [...] (DEL PRIORE, 2000, p.92) (grifo nosso).

Na sociedade da Idade Média, praticamente ninguém sabia ler, sendo assim, não existia uma separação clara sobre o fim da infância e o início da idade adulta, pois a leitura e a escrita eram uma das principais referências para distinguir essas fases. Nesse período, as crianças também estiveram ausentes nos registros de história de vida ou na literatura, elas eram, no máximo, figuras marginais em um mundo de adultos (HEYWOOD, 2004).

Essa indiferença quanto às características próprias da infância até os tempos medievais pode ser observada, também, por meio da indumentária, pois não havia nenhuma particularidade no traje infantil. A mesma roupa vestia todas as idades, mantendo claros, apenas, os degraus da hierarquia social.

No Renascimento, a escolaridade tornou-se diferencial na vida das crianças; assim, ser criança começou a estar vinculado ao saber ler, graças à difusão da prensa tipográfica. Nesse período, enquanto as crianças eram inseridas no mundo da leitura, processo lento e gradual, também eram inseridas no mundo adulto e nos assuntos a ele relacionados. Para Postman, “a ideia de infância é uma das grandes invenções da Renascença, talvez a mais Humanitária” (1999, p.12).

Na época que foi criada a roupa unissex, a qual durou até o final do século XVIII: saia longa, corpete e avental branco bordado, que era usado tanto pelas meninas quanto pelos meninos; mas, segundo Di Marco, “o verdadeiro símbolo da roupa infantil foram as tiras de tecido ou couro que desciam dos ombros que ajudavam as crianças a andar e davam um toque decorativo à peça” (2008, p.1).

Um novo sentimento de infância veio a surgir na Era Moderna, o qual enfatizava que a “criança, por sua ingenuidade, gentileza e graça, tornava-se uma fonte de distração e relaxamento para o adulto, um sentimento que podemos chamar de paparicação” (ARIÉS, 1981, p.158).

Entre os moralistas e educadores da época formava-se outro sentimento em relação às crianças, inspirando toda educação até o século XX, ou seja, a ideia de que a criança era uma criatura frágil e que precisava, ao mesmo tempo, de cuidados e de disciplina.

Esse sentimento aos poucos se estabeleceu nas relações familiares. A criança, que era paparicada apenas por distração e brincadeira, passou a ser objeto de um interesse psicológico e moral. Era o início de um sentimento sério e autêntico de infância, segundo o qual “não convinha ao adulto se acomodar à leviandade da infância [...] Tentava-se penetrar na mentalidade das crianças para melhor adaptar a seu nível os métodos da educação” (ARIÉS, 1981, p. 163).

Foi nos primórdios da época iluminista (século XVII) que definitivamente distinguiu-se a infância da fase adulta, conforme as características de cada uma delas e a pedagogia que as envolvia. O ciclo escolar era semelhante ao do século XIX, no qual, durante quatro ou cinco anos, a criança era submetida a uma rigorosa disciplina; assim, a infância era prolongada até o fim do ciclo escolar.

A partir desse período, verificamos algumas pequenas, mas significativas mudanças no traje infantil. Crianças de boa família, tanto da nobreza quanto da burguesia, já tinham uma roupa reservada a sua idade: usavam vestidos compridos, abertos na frente, fechados por botões ou agulhetas. Então, “assim que as crianças deixavam os cueiros, ou seja, a faixa de tecido que era enrolada em torno do seu corpo” (ARIÉS, 1981, p.69) ela já era vestida de acordo com os homens e mulheres de sua condição social. Segundo Di Marco, “esse rito de passagem da roupa infantil para adulta era mais evidente para os meninos, que deixavam de usar calças, ao contrário das meninas, que passavam a se vestir como suas mães, envoltas em saíotes, corpetes e rendas” (2008, p.1).

Antes dos quatro ou cinco anos era impossível distinguir pela roupa um menino de uma menina. O menino, até esta idade, usava vestidos e saias iguais às das meninas, e este hábito perdurou por muito tempo.

O sentimento de infância, que teve início no século XVII, beneficiou primeiro os meninos, enquanto as meninas persistiram mais tempo no modo de vida tradicional. A separação entre crianças e adultos ainda não existia no caso das meninas em nenhuma idade, pois elas eram sempre vestidas como mulheres adultas. Segundo Ariés, “coloca-se (nas crianças) uma camisola curta, meias bem quentes, uma anágua grossa e o vestido de cima, que tolhe todos os ombros e quadris com uma grande quantidade de tecidos e pregas, e diz-se a elas que toda essa tralha lhes dá um ar maravilhoso (1981, p.71).

A infância, que aproximava dos adultos mais as meninas do que os meninos, parecia um incentivo da sociedade para que elas se tornassem

mulheres mais rapidamente. Com dez anos, as meninas já eram tratadas como mulheres em miniatura. Essa precocidade pode ser explicada por uma educação que as treinava para se comportarem desde muito cedo como adultas, pois, além da aprendizagem doméstica, elas não recebiam mais nenhuma educação. Mesmo nas famílias em que os meninos iam ao colégio, as meninas não aprendiam nada, pois elas começaram a ir à escola bem mais tarde e muito lentamente.

No Brasil, as peculiaridades da infância são reconhecidas, segundo Del Priore, entre os séculos XVI e XVIII, quando “vimos surgir uma preocupação educativa que se traduzia em sensíveis cuidados de ordem psicológica e pedagógica” (2000, p.105). Para a autora, não só os códigos de comportamento mudaram, mas também o “cuidado com o aspecto exterior”, ou seja, a maneira de os pequenos se trajarem, também passou por transformações.

Na metade do século XVIII, Jean-Jacques Rousseau apresentou uma nova visão de criança. A infância passou a ser vista como um estado natural e separado, e a criança deixou de ser tratada como um miniadulto e começou a ter valor e necessidades próprias.

Rousseau não requeria mudanças apenas na educação das crianças, mas também na forma de brincar, de aprender e de se vestir:

Os membros de uma criança em crescimento devem estar livres para se mover com facilidade em suas roupas; nada deve restringir seu crescimento e movimento; [...] O melhor é fazer com que as crianças usem batas durante o maior tempo possível e, então, prover-lhe roupas folgadas, sem tentar definir formas, o que não passa de mais uma maneira de deformá-las. Seus defeitos de mente e corpo talvez remontem todos à mesma fonte, ao desejo de torná-las homens antes do tempo (ROUSSEAU, apud LURIE, 1997, p.52).

Finalmente, chegamos ao traje especializado da infância que hoje nos é familiar. A partir daí, as etapas do crescimento que transformavam as crianças em homens tornaram-se completamente visíveis através das roupas, como uma espécie de rito de passagem que era preciso respeitar.

Esse hábito de diferenciar as roupas infantis das roupas dos adultos revela uma nova preocupação, desconhecida na Idade Média, de isolar a criança, de separá-la por meio da vestimenta, praticamente criando um uniforme infantil. A adoção desse traje específico marca uma data muito importante na formação do sentimento de infância.

Cada vez mais tarde as crianças abandonavam as roupas confortáveis de sua tenra infância. Por volta da década de 1780 até os adolescentes aderiram às batas, que pareciam vestidos curtos, debruados.

A vestimenta infantil introduzida no século XVIII continuou em alta até o século XIX, mas, lentamente, a partir de 1860, começou a perder espaço para os conjuntos, que se tornaram cada vez mais populares no traje infantil, principalmente entre os meninos. A partir dessa época diversas combinações eram feitas, com jaquetas, calças e blusas.

No fim do século XVIII, uma moda que perdurou por muito tempo começou a ser adotada: os trajes estilo marinho. Essa roupa começou a ser usada como uniforme por rapazes que estudavam em escolas que treinavam para a Marinha, mas logo foi difundida e vista em crianças de todas as idades e de ambos os sexos. A única diferença é que, para as meninas, a calça foi substituída pela saia.

Com o tempo, a moda marinho se propagou pelo Mundo Ocidental. Segundo Lurie, “no começo de século XX, esse traje era quase o padrão de roupa cotidiana para meninos e meninas da classe média [...] Na cidade e no campo, em casa e fora de casa, em azul marinho para aquecer ou em branco para o verão e festas” (1997, p. 55).

Outra vestimenta infantil que foi introduzida no final do século XIX, principalmente para os meninos, foi o traje *Fauntleroy*, inspirado nas primeiras edições da obra *Little Lord Fauntleroy*. Esta indumentária foi odiada por quase todos os meninos, que eram obrigados pelos seus pais a usá-la. Constituíam-se de “uma jaqueta preta ou azul safira de veludo e calças usadas com uma camisa branca com um largo colarinho de renda Vandyke. Era completado por uma faixa de seda colorida, meias de seda, sapatilha afivelada, uma boina grande de veludo e cabelos cacheados” (LURIE, 1997).

Depois de terem conseguido abandonar o traje *Fauntleroy*, ainda por muitos anos os meninos continuaram usando calças curtas, tanto para o dia a dia, quanto para momentos de passeio e de festa.

Os meninos usavam bermudas mais ou menos até os sete anos, para, então, trocarem-nas pelas calças até o joelho, iguais às calças que seus pais usavam para praticar esportes. Segundo Lurie (1997), este é um dos primeiros exemplos de uma regra que seguimos até hoje, em que as roupas de esporte adultas são as roupas diárias das crianças.

A mudança da calça curta para a comprida foi lenta. Mesmo no inverno, os joelhos permaneciam de fora, ainda que o bom senso

sugerisse que os cobrissem, pois historicamente joelhos nus são vinculados à virilidade: desde os uniformes de guerra dos antigos britânicos até os heroicos jogadores de futebol, todos sempre se trajavam com os joelhos a mostra (LURIE, 1997).

A moda das meninas, a partir do final do século XVIII, era constituída de uma indumentária romântica, cheia de babados, mais se parecendo com as roupas de contos de fadas como João e Maria.

Inspiradas nas ilustrações da artista inglesa Kate Greenaway, as mães vestiram suas filhas nesse estilo até o final do século XIX e início do século XX. Segundo Lurie (1997), a “autêntica menina Kate Greenaway” usava o vestido comprido próximo ao chão com cintura marcada com um laço de fita enorme, além de babados distribuídos pela peça e um grande chapéu.

A indumentária infantil brasileira do século XIX, observada em fotografias, mostra a criança, na maioria das vezes, com roupas diferentes daquelas utilizadas no dia a dia. Meninos e meninas eram retratados “sozinhos com roupas de sair – saia de babado, meia botinha e laçarote para as meninas e calças curtas, meia e jaquetinha para os meninos -, bem penteados e sentadinhos em cadeiras ou apoiados em algum aparador” (MAUAD, 2000, p.142).

Já no século XX, até a 1ª Guerra Mundial, a moda infantil ficou praticamente estagnada e, depois da guerra, os trajes se tornaram mais leves, menos rebuscados e elaborados.

É importante salientar, conforme lembra Moutinho (2003), que desde 1900 já havia em Paris uma estilista especializada em roupas infantis, Jeanne Lanvin, que, por amor à filha, criou vestidos ternos e coloridos, bem diferentes das miniaturas da roupa dos adultos que usavam as crianças da época.

Para Barbosa & Guedes (2008), nas décadas de 1910 e 1920 a modelagem das roupas infantis mudou significativamente, assegurando a liberdade e o conforto que as crianças necessitavam para brincar e realizar suas atividades.

Percebemos as maiores mudanças nos trajes infantis a partir do momento em que o ideal de infância, como momento perfeito da vida, era construído através do sentimento de infância e da afeição que tal sentimento despertava nos adultos.

O traje especializado da infância que hoje nos é familiar surge apenas no momento em que a criança é percebida como um ser único, especial e com necessidades diferenciadas.

Não obstante, quando chegamos ao século XX, a lacuna de informações acerca da moda infantil é muito grande e são poucas as publicações que abordam – ainda que tangencialmente – o assunto.

Em função dessa lacuna, optamos por utilizar a *Revista do Globo* como *corpus* documental desta pesquisa.

A MODA INFANTIL NO SÉCULO XX: REPRESENTAÇÕES IMAGÉTICAS NA REVISTA DO GLOBO

O material escolhido para análise foi a Revista do Globo, editada pela Livraria do Globo de Porto Alegre/RS, que começou a ser publicada em janeiro de 1929 e deixou de circular em fevereiro de 1967. Foram, no total, 941 fascículos e dois números especiais: um sobre a Revolução de 1930 e outro sobre uma grande enchente ocorrida em Porto Alegre no ano de 1941, somando 943 fascículos.

A trajetória da Livraria do Globo acompanhou os gaúchos e faz parte da história do Estado. Inaugurada em 1883, em Porto Alegre, aos poucos foi conquistando a preferência dos porto-alegrenses por sua localização e qualidade nos serviços prestados.

No final do século XIX, as atividades de papelaria e venda de livros eram complementadas por serviços gerais de tipografia e, em 1898, a livraria realizou sua primeira experiência editorial, com a publicação de um livro por encomenda. Assim, a Livraria expandiu esse serviço, produzindo impressos padronizados, serviços de litografia, publicações de livros escolares e de literatura.

Em 1917 a empresa investiu em seu primeiro veículo de comunicação próprio: o Almanaque do Globo, um anuário de informação e lazer. Com o sucesso do Almanaque e o surgimento das primeiras revistas literárias do país, o meio cultural do Rio Grande do Sul sofria a falta de um veículo de promoção e divulgação da literatura.

Por ideia de José Bertaso, proprietário da Livraria desde 1917, a Revista do Globo surgiu em 1929, com o subtítulo “Periódico de Cultura e Vida Social”.

Ela foi uma das primeiras revistas a circular nacionalmente, sendo que chegou a atingir o segundo lugar em tiragem no país na época. Era

um periódico que se utilizava amplamente da publicidade e abordava assuntos variados como política, literatura e eventos sociais. É importante ressaltar que a primeira agência organizada de publicidade do Estado, a Clarim Empresa de Publicidade Ltda., surgiu na Livraria, para atender à demanda dos periódicos.

Segundo Ruüdiger (1995), a Revista do Globo não pretendia ser uma publicação de cunho político-partidário, mas se inscrevia numa nova fase do jornalismo do Estado, chamado de “jornalismo informativo moderno”, e era destinada ao público em geral, de forma que até mesmo as crianças tinham espaço. Textos e imagens eram divididos pelas (em média) 90 páginas do periódico quinzenal. As fotografias e ilustrações ocupavam um espaço considerável em todos os fascículos.

Por quatro décadas a vida da sociedade riograndense foi acompanhada por toda a equipe da revista. Redatores, capistas e fotógrafos estavam sempre de olho na vida - ora tranquila, ora agitada - do Estado. Ela tornou-se uma das mais importantes fontes da cultura sul-rio-grandense, um grande veículo de cultura de massa, que divulgava a literatura e a arte em geral, ao lado de acontecimentos sociais e políticos, moda, humor, cinema e esportes. A sua sala de direção era frequentada pelos maiores intelectuais e escritores do Estado, como Érico Veríssimo, os quais debatiam os acontecimentos mais significativos em todas as áreas.

Podemos dizer que a Revista do Globo² “constitui uma das fontes mais ricas para reconhecimento e estudo dos traços característicos do Rio Grande do Sul em meados do século XX” (Revista do Globo [CD-ROM]. Porto Alegre: Globo, 1929-1967).

Para analisarmos as representações imagéticas da infância na revista, optamos por utilizar a seguinte periodização: o primeiro período vai do início de sua publicação, 1929, até o ano de 1939, época caracterizada pela crise econômica internacional e o início da Segunda Guerra Mundial, tendo uma moda contrastante que foi da recessão ao luxo; o segundo período abarca os anos em que a Europa esteve envolvida na guerra (1939 a 1945), e caracterizou-se por importantes mudanças na moda adulta; o terceiro vai de 1945 a 1960, caracterizado

² O projeto *Revista do Globo* (1929 – 1967), realizado entre os anos de 1990 e 2004, organizou todo o acervo da revista, escaneando todas as suas páginas e compilando o material, criando catálogos informatizados. A coleção completa em CD-ROM, financiada pela PUCRS, CNPq, FAPERGS, Governo do Estado do Rio Grande do Sul e Livraria do Globo, foi distribuída em bibliotecas, museus e centros de pesquisa.

pelo resgate da feminilidade, principalmente representado por Christian Dior, pelo apogeu da alta-costura e pelo fenômeno norte-americano do rock; finalmente, o período de 1960 a 1967, ano em que a revista deixa de circular. A época ficou conhecida como de grande democratização na moda.

A imagem fotográfica foi fonte básica desta pesquisa, pois, segundo Cardoso & Mauad, ela, como produtora de imagens, revela uma pista e “pauta-se em códigos convencionalizados socialmente, possuindo um caráter conotativo que remete às formas de ser e agir do contexto no qual estão inseridas as imagens como mensagens” (CARDOSO; MAUAD, 1997, p.406).

A fotografia, enquanto documento, reconstrói o passado às vezes com muito mais detalhes que um texto escrito, principalmente quando tratamos da indumentária. Ela nos remete não apenas àquilo que o fotógrafo quis mostrar, mas a todo um contexto histórico que pode ser interpretado de diversas maneiras.

Usando o caminho inverso de Ariès, que definia a infância em cada época e usava a indumentária para ilustrar essas mudanças sociais, aqui, a roupa é o indício mais importante para definirmos a infância e suas variações na história, pois, segundo Cardoso & Mauad, “a fotografia atua como importante meio através do qual se pode (sic) reestruturar os quadros de representação social e os códigos de comportamentos dos diferentes grupos socioculturais, em contextos e temporalidades diversos” (1997, p.411-412).

REVISTA DO GLOBO: 1929 - 1939

Em 1929, ano da publicação da primeira edição da *Revista do Globo*, o Brasil tinha dois milhões de pessoas desempregadas por causa da grande depressão de 1929, que teve como símbolo mundial a quebra da Bolsa de Nova York e, em nosso país, a supersafra do café.

Só nos estados do Rio de Janeiro e São Paulo, 579 fábricas foram fechadas e outras continuavam funcionando apenas três vezes por semana, diminuindo em 50% os salários daqueles que conseguiram manterem-se empregados; entretanto, como a economia gaúcha estava baseada no setor agropecuário, a crise pela qual estava passando o centro do país não foi sentida com a mesma intensidade no Rio Grande do Sul.

Além disso, o Estado Novo de Getúlio Vargas, que foi implantado em 1937, trouxe para todos os brasileiros um tempo de censura e muita insegurança para aqueles que não apoiassem o regime.

Por outro lado, para fugir da crise econômica, os grupos mais privilegiados buscavam no entretenimento e na diversão forças para prosseguir. Nos anos 1930, o principal assunto nos salões, nas ruas e cafés era saber quem venceria o concurso de Miss Universo e o rádio era a grande alegria da Mação, pois, com suas músicas e programas de variedades, entrava em praticamente todos os lares brasileiros e ditava comportamentos.

A moda, influenciada pela crise econômica e política de 1929, também tomou novos rumos. Tornou-se bem mais comportada, séria e, principalmente, mais econômica com a utilização de novos tecidos. O uso de materiais nobres diminuiu e algumas matérias-primas, que antes não eram consideradas luxuosas, passaram a ser usadas - por exemplo, o crepe da China, que até então era usado como forro, passou a ser um tecido essencial para as roupas mais chiques (GONTIJO, 1986; LEHNERT, 2001).

Nas mulheres, a cintura voltava para o lugar e as saias desciam até o meio das pernas. Paris ainda ditava as grandes tendências, mas já existia uma pequena preocupação em adaptar as roupas ao clima quente do Brasil.

A principal indumentária das meninas da época, que só começou a desaparecer no fim da década de 1940, era composta por vestido em linha A, ou seja, em forma de tenda, amplo e rodado. Acompanhando a peça, um laço enorme amarrado nos cabelos e um par de sapatos estilo boneca, que calçaram não só seus pés, mas também os pés dos meninos, que os usaram principalmente nos anos 1930. Esta indumentária foi usada por duas décadas e era quase um uniforme, pois, principalmente até os sete anos, todas se vestiam dessa forma.

O traje marinheiro, que surgiu no fim do século XVIII, no começo do século XX conquistou o mundo e foi muito usado pelas crianças gaúchas de ambos os sexos. Muitas referências desse traje foram encontradas na Revista do Globo. Entre os meninos, a moda marinheiro foi muito popular, só começou a desaparecer por volta de 1946. As meninas, que usavam o conjunto com saia no lugar da calça, pararam de vesti-lo por volta do ano de 1938.

Percebemos também que, além dos uniformes da marinha, embora não com tanta frequência, era comum ver os meninos dos anos 1930 e 1940 vestirem outros uniformes militares.

Outra roupa muito usada pelas crianças de todas as idades era a blusa de inverno acompanhada de um agasalho, e os *shorts*, usados com sapatos sociais e meias até a metade da canela.

Muitas referências religiosas, relacionadas à primeira comunhão, foram encontradas nas imagens desta época. Era comum vermos fotos de meninas vestidas quase de noivas, com roupas brancas e cabelos tapados em posição de reza em altares, com bíblias ou terços. Em algumas imagens, os meninos apareciam vestidos com ternos escuros e ajoelhados em frente ao altar.

Acreditamos que não houve, neste período, mudanças muito significativas na indumentária infantil em relação a outros tempos. Além do traje marinheiro que já vinha se destacando desde o final do século XVIII, observamos roupas bem semelhantes àquelas usadas após a Primeira Guerra.

As imagens infantis dessa década revelam e reforçam a ideia de que o vestuário estrutura-se como um modelo social, e, conforme Barthes, é “uma imagem mais ou menos padronizada de condutas coletivas previsíveis” (2005, p.279). O que se vê nas fotografias analisadas é a repetição incansável de determinados signos (o vestido em linha A, os laçarotes na cabeça, os sapatos-boneca, o traje marinheiro), os quais remetem à ideia de que a roupa, naquele momento, traduzia certo aprisionamento das crianças. A relação entre criança, brincadeiras e liberdade é usual na nossa cultura; entretanto, observando as várias imagens publicadas na Revista do Globo, vemos justamente o contrário: o indivíduo infantil encerrado em uma vestimenta que não lhe favorecia os movimentos, exigindo o comportamento de um adulto, a fim de manter sua roupa impecável.

As meninas e os meninos, de idades variadas, parecem todos adultos miniaturizados, interpretando, da melhor maneira possível, o papel que lhes fora destinado: o de criança bem-comportada, representante de sua família e do padrão social e cultural da época.

As roupas, como significantes, desvelam sentidos caros à sociedade, como a delicadeza enquanto um traço de personalidade inerente às meninas, representada por signos como o tecido da vestimenta – rendas e outros tecidos finos, babadinhos, laços, nervuras. Essa composição, arrematada pelo laço no cabelo e o sapato estilo

boneca, concorria para a construção de um texto que fixava características essenciais às meninas. O uso da renda como matéria-prima nos vestidos das meninas parece contraditório, pois, ao mesmo tempo em que metaforiza a delicadeza da menina, revela a exigência de um comportamento mais comedido, pois a delicadeza do tecido impede movimentos exagerados ou bruscos, sob risco de rasgar ou danificar o tecido.

Além disso, observamos que a diferenciação de gênero através das roupas também é fortemente apontada pelas imagens.



Figura 1. Revista do Globo, 25 abr. 1936

É importante realçar que os textos fotográficos eram elaborados para essa situação, ou seja, percebemos a existência de um cenário: as crianças fazem poses, muitas delas como se fossem adultos, sentadas, com pernas cruzadas, segurando algum objeto como uma bengala ou um rosário, batendo continência, o que reforça o registro de uma conduta específica das crianças, desejada pelos pais e pela sociedade. Além disso, desvela a relevância do registro fotográfico na época, bem como a publicação dessa fotografia, a qual poderia servir como um atestado do papel social exercido pela família da criança.

Em algumas imagens o leitor pode, até mesmo, ser surpreendido ao encontrar uma menina vestida de noiva e um menino vestido de marinheiro, um ao lado do outro, como um casal. A legenda da fotografia esclarece que se trata da primeira comunhão dessas crianças, as quais são irmãos. Como esta, são várias as imagens em que crianças estão vestidas

com trajes próprios de casamento, indicando a importância dada ao evento (primeira comunhão), bem como a formalidade que envolvia esse ritual. Esses trajes apontam para um paradoxo: a inocência e a pureza infantis, contrapondo-se ao compromisso sexual que está por detrás do matrimônio.

Barthes acentua a ideia de que “o jovem e mesmo a criança não usavam trajes específicos: as crianças eram vestidas como os adultos, mas em modelos reduzidos” (2005, p.358).

Os trajes usados pelos meninos reforçam a reprodução de um figurino masculino, mencionado por Barthes, pois, em muitas imagens, eles vestem uniformes de marinheiros ou do exército. Analisando-se esse traje, pode-se dizer que o seu uso justifica-se pelo fato de que os anos de guerra ficaram marcados no imaginário dos diversos grupos sociais, e o reflexo desse fato é o vestir dos meninos, representando, talvez, a coragem, a seriedade, a disciplina que os militares necessitam manter no desenvolver de suas atividades.

No Brasil, vivia-se o Estado Novo, um momento político recoberto pelas ações militaristas de Getúlio Vargas; também por isso, o uso da farda militar fazia parte do imaginário coletivo da época, no qual o respeito ao governo e a instituição familiar eram valores desejados. Além disso, o usuário do uniforme podia estar representando aquele que defendia o país.

Temos a impressão de que os uniformes também serviam como homenagem às forças armadas, pelo fato de a imagem estar publicada em um espaço similar à coluna social que hoje se tem nos jornais. Além disso, o sentido da roupa pode ser conotativo, representando, inclusive, a masculinidade do indivíduo, seu vigor físico, ou seja, essa roupa conduz o leitor a refletir acerca da força das tropas, associando a mesma força ao menino que a veste.

Entre os uniformes mais vistos nas fotografias destaca-se o de marinheiro. A história do traje marinheiro remete ao fato de a rainha Vitória (1819-1901) ter encomendado uma roupa de marinheiro para seu filho, o príncipe Edward, o qual passou a ser imitado por muitas pessoas por um longo tempo.

Os significados associados ao uniforme de marinheiro podem estar relacionados aos sentidos originais desse traje, ou seja, os marinheiros vistos como indivíduos que protegiam os territórios nacionais, bem como responsáveis pela expansão desses limites, através das expedições navais. A profissão de marinheiro também já foi vista

como uma possibilidade de enriquecimento e apresentava certo *status*. Talvez esses sentidos tenham sido responsáveis pela permanência do traje marinho durante tanto tempo na moda.

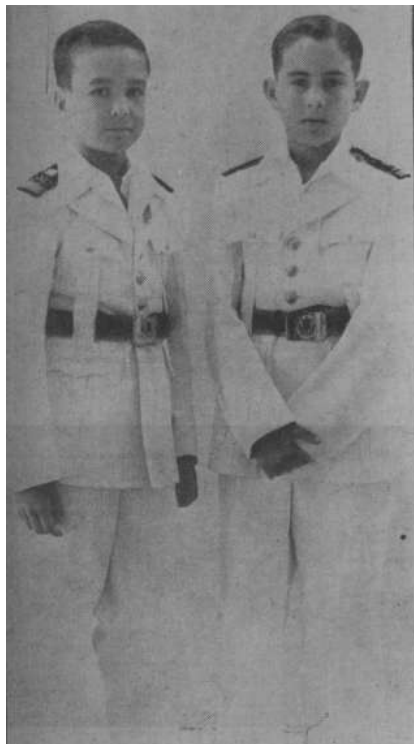


Figura 2. Revista do Globo, 04 dez. 1939

Por outro lado, o uniforme pode significar, segundo Crane (2006), uma maneira de o Estado controlar os indivíduos, diferenciando-os em suas categorias, suas posições sociais, as regiões nas quais moravam (campo, cidade); contudo, esse não parece ser o caso dos trajes usados pelos meninos nas fotografias da revista.

O vestuário, para Barthes, é “fundamentalmente um ato de significação, além dos motivos de pudor, adorno e proteção. [...] Logo um ato profundamente social, alojado no próprio cerne da dialética da sociedade” (2005, p. 364). Diante dessa abordagem proposta pelo autor, verificamos que os trajes vistos nas fotografias dos anos de 1929 a 1939 desvelam e reforçam, também, as diferenças existentes entre meninos e

meninas: a força masculina, o dever de proteção, em oposição à fragilidade, à beleza feminina. As crianças, desde pequenas, são orientadas a desenvolver papéis estipulados pela sociedade na qual estão inseridas.

REVISTA DO GLOBO: 1939 – 1945

Começa no mundo, em setembro de 1939, uma das maiores catástrofes provocadas pelo homem em toda a sua história: a Segunda Guerra Mundial. No Brasil, no início dos anos 40, o presidente Getúlio Vargas começava a construir uma nova imagem para sociedade, com a ajuda dos meios de comunicação. De ditador, Getúlio passou a ser visto como um homem generoso, preocupado em fazer o bem, com o objetivo de se aproximar do povo. Em agosto de 1945, acabada a Segunda Guerra Mundial, Getúlio Vargas renunciou, pressionado pela oposição, que exigia a volta da democracia.

O rádio ganhava cada vez mais destaque: era a janela para o mundo, ditava comportamentos e a moda, vendia produtos, moldava a opinião pública e transformava as vozes dos atores e atrizes nos sonhos desta geração.

Segundo Gontijo, foi a partir dessa época que o Brasil começou a criar moda, ou pelo menos, a adaptar de forma mais adequada os modelos ditados por Paris. A moda feminina no Pós-Guerra mudou abruptamente e um novo ideal de feminilidade começou a ser valorizado: “O novo ideal feminino de pós-guerra faz questão absoluta da valorização das formas femininas: a cintura bem fina, o busto e os ombros evidenciados por decotes tomara-que-caia, e as pernas de fora” (GONTIJO, 1986, p.60).

Na década de 1940, mesmo depois da guerra, os trajes das crianças não sofreram alterações tão relevantes a ponto de mostrarem um novo caminho em relação ao conceito de infância, pois elas apenas se tornaram um pouco mais práticas, projetadas para trazer conforto e durabilidade. Percebemos que nem sempre as transformações que ocorreram na moda adulta foram acompanhadas pela moda infantil e que nem todos os acontecimentos importantes da história exerceram grande influência sobre a indumentária.

Durante esses anos, o figurino utilizado pelas crianças e observado nas fotografias da Revista do Globo compunha-se, como já mencionado, de vestido linha A, um ou dois laçarotes na cabeça para as

meninas, sapato boneca, que, aos poucos, foi substituído por modelos mais confortáveis; macaquinho, *blazer* com calça ou *short* ou, ainda, *short* com blusa para os meninos, acompanhados de sapatos sociais e meias de náilon, conforme pode ser visto nas imagens que seguem.



Figura 3. Revista do Globo, 10 jun. 1939



Figura 4. Revista do Globo, 22 jan.1944

Observando-se as imagens desses anos, pode-se perceber grande semelhança do figurino infantil feminino com as roupas utilizadas na década anterior, o que reforça a ideia de que a vestimenta das crianças não mudava com tanta rapidez, orientando-se por um *basic pattern*, conforme Barthes (2005, p. 359); ou seja, as costumeiras variações que observamos hoje em relação ao vestuário pareciam não ter tanta importância no momento histórico analisado, verificando-se, então, a semelhança do figurino infantil com o figurino adulto.

Durante essas duas décadas o modelo feminino de traje manteve traços muito similares, modificando-se, em alguns momentos, o material com que o vestido era confeccionado, por exemplo, o uso de tecidos mais encorpados, como tafetá. Em relação às cores desses trajes, observamos o aparecimento de roupas em cores escuras. O que se vê nessa década é uma sutil alteração, não do significado, mas do significante desses signos.

Em relação à vestimenta dos meninos, a alteração é mais significativa. Os garotos fotografados vestem uma combinação de *blazer* com calça comprida ou *short*, macaquinho, ou ainda short e blusa. Esses trajes aproximam-se um pouco mais da infância que o traje de marinheiro, observado na década anterior. Por outro lado, a reprodução do vestuário masculino ainda é visível, pois as peças são claramente aquelas usadas pelos adultos, com exceção do *short*.

Os meninos têm um pouco mais de liberdade para serem crianças nessa década, pois o leitor vê uma vestimenta mais leve, mais confortável, a qual parece favorecer os seus movimentos.

Por outro lado, permaneciam a seriedade e a formalidade das roupas, principalmente em virtude dos casacos que os meninos usavam, apontando, mais uma vez, a contradição que se estabelece entre o figurino: seriedade, autocontrole, em oposição à ideia que se tinha e se tem da infância: liberdade, delicadeza, vigor.

REVISTA DO GLOBO: 1945 – 1960

O Pós-Guerra, no Brasil, caracterizou-se pelos governos democrático-populistas e pelo alinhamento aos Estados Unidos. Getúlio Vargas, que voltou ao poder em 1954, empreendeu-se em uma política econômica nacionalista que desagradou o governo norte-americano. Já Juscelino Kubitschek, presidente eleito em 1956, assumiu enfatizando o desenvolvimento econômico industrial através da “política

desenvolvimentista”, na qual o Estado coordenava o desenvolvimento incentivando a entrada do capital estrangeiro.

Para Fausto (2001), as ideias liberais de JK não se limitavam a uma revolução pelo desenvolvimento, mas se estendiam à cultura, passando pelo comportamento. Era época em que os garotos de Copacabana com seus *cadilacs* flertavam com as mocinhas que seguiam os conselhos das seções das revistas do momento, embalados ao som do rock. As estrelas do cinema hollywoodiano passaram de boas moças a mulheres sedutoras, com Marilyn Monroe como símbolo sexual da época.

A televisão chegou ao Brasil em setembro de 1950, em São Paulo, ainda de forma elitizada, e o rádio continuava a ser o grande veículo de comunicação de massa. Nesse contexto, a moda começava a ser usada como forma de protesto dos jovens contra os valores das gerações anteriores.

Podemos dizer que os dois modelos mais populares da época, entre mulheres já mais maduras, foram o vestido acinturado de saia larga e o *tailleur*, criados pelo estilista Christian Dior. Para as crianças, a partir de 1945 já percebemos transformações um pouco mais significativas nas vestimentas, principalmente nas roupas dos meninos, que assumem características mais práticas do que em épocas anteriores. Nesse período tornou-se mais difícil verificar se as mudanças encontradas podem ser generalizadas, pois as imagens de crianças tornaram-se cada vez mais raras nas páginas da revista. A seção infantil, com imagens de crianças, desapareceu, porque a revista começou a focar mais os assuntos política, cultura, esportes, entre outros.

Percebemos pelas imagens da Revista do Globo que as meninas mais novas, até mais ou menos cinco anos, continuaram usando vestido curto linha A, meias soquetes e sapatinhos boneca. As meninas com mais de cinco anos passaram a usar vestidos com cinturas bem marcadas, como a moda criada por Dior para as mulheres da época. Como acessório, elas usavam os dois laços na cabeça, substituindo o laçarote enorme e o sapato boneca.

No vestuário masculino infantil, percebemos nas imagens da revista uma mudança maior, uma simplificação da indumentária, que deixava de ser tão séria e se tornava mais livre e despreocupada. Marinheiro, *Fauntleroy*, conjuntos de *blazer* e *short* foram deixados de lado, dando espaço para meninos vestidos com macaquinho ou *short* e blusa.

No verão, os meninos mais jovens vestiam macaquinhos e calçavam sandálias. Em dias mais frios, usavam um agasalho sobre o

macaquinho e substituíam as sandálias por sapato social. Os meninos com idade acima de sete anos vestiam *short* com a blusa e sapatos com cadarço, quase um tênis, também acompanhados de um agasalho nos dias frios.

Nesse momento, o figurino dos meninos permaneceu o mesmo da década anterior, sendo pouco usado o casaco e muito utilizados o macaquinho e a combinação *short* e blusa. Esses significantes desvelam mudanças no sentido da infância. As crianças usavam roupas que revelavam o *status* que elas ocupavam na sociedade: eram indivíduos ainda na fase inicial da vida, e seus trajes não revelam tanta aproximação com as vestimentas masculinas adultas. O uso do macaquinho, por exemplo, enfatizava a pouca idade dos meninos. A simplicidade e certo conforto dessa vestimenta, a qual parece ser confeccionada em algodão ou linho, revelam naturalidade e descontração; possibilitando movimentos mais amplos dos meninos.

Temos a impressão de que a sociedade passou a aceitar o fato de que as crianças são diferentes dos adultos, ao menos os meninos. O lado descontraído destes é revelado pela vestimenta, a qual os aproximou da natureza da criança, pela simplicidade e pelo material utilizado na sua confecção, conforme menciona Barthes: “certa indumentária pode notificar conceitos aparentemente psicológicos ou sociopsicológicos: respeitabilidade, juvenildade intelectualidade, luto, etc.” (2005, p. 278) - neste caso, revelando os já mencionados conceitos que cercavam a infância..

As meninas, por sua vez, usam vestido com cintura marcada, sapato boneca e laços no cabelo. Percebe-se a semelhança muito grande entre as roupas que as meninas usavam e as usadas pelas adultas. Isso reforça a ideia anteriormente apontada de que as crianças, mesmo em uma época em que o conceito de infância já estava solidificado, continuavam se vestindo como adultos em miniatura. Percebemos, também, que esse tipo de vestimenta já aparecia desde o século XIX no Brasil, como lembra Mauad (2000) quando analisou as fotografias das crianças de elite no Império brasileiro.



Figura 5. Revista do Globo, 19 ago. 1955



Figura 6. Revista do Globo, 15 out. 1959

Verificamos nas imagens anteriores a semelhança da roupa infantil, no caso das meninas, com a roupa adulta. Não havia preocupação em diferenciar as vestimentas e as faixas etárias, o que enfatiza a ideia de que as crianças assemelhavam-se aos adultos, embora isso fosse um equívoco. As roupas não revelam a praticidade necessária para que essas meninas pudessem realizar os movimentos que normalmente uma criança realiza.

REVISTA DO GLOBO: 1960 – 1967

O início dos anos 1960 foi politicamente bastante tumultuado com a renúncia do presidente Jânio Quadros e a posse de João Goulart, que representava uma ameaça à estrutura política e econômica vigente.

Jango, ao assumir, encontrou uma economia com pequeno crescimento e determinou uma série de reformas para sanar esse problema: eram as “reformas de base”, que incluíam a reforma agrária, aumento de impostos para os mais ricos, reforma educacional, mudanças na remessa de lucros das multinacionais para o Exterior, entre outras. Essas reformas tiveram o apoio dos grupos de esquerda, mas a classe dominante ficou contra elas e articulou um golpe militar em 1964 que levou os militares ao poder e representou um duro golpe nas instituições democráticas do país.

Mesmo com a ditadura, a juventude brasileira, influenciada pelas rebeliões estudantis da França, pelos movimentos *hippie* e feminista e pelo rock, também contestou, principalmente nos grandes centros urbanos. Apareceram os *hippies*, os grupos de rock, a guerrilha urbana e camponesa, o movimento feminista e novos nomes na música popular, como Chico Buarque, Milton Nascimento e Caetano Veloso (PAES, 1995).

Ao mesmo tempo, a sociedade brasileira nos anos 1960 teve um acelerado desenvolvimento tecnológico, destacando os meios de comunicação de massa, em que a televisão foi popularizada. Em contrapartida, surgiu a imprensa alternativa que ditava a moda, principalmente entre os jovens.

O cinema nacional começou a ser produzido em maior quantidade e qualidade, criando o cinema novo, e a televisão nos anos 1960 substituiu de vez o papel do rádio.

A moda, nos anos 1960, mudou radicalmente, com a definição de duas linhas: o *prêt-à-porter* e a alta-costura, sendo que a influência de Paris entrou em declínio.

É difícil definir as peças-chaves da época, pois a moda passou a ser muito variada. Surgiram a minissaia e a maxissaia, as mulheres aderiram de vez ao uso de calças, blusas transparentes e meias arrastão. Surgiu o unissex e uma mistura de elementos, estampas e materiais pareceram libertar os padrões rígidos ditados pela moda até então.

A moda começou a deixar bem clara a divisão de grupos pelo que conhecemos atualmente como “tribos urbanas”. Com a intenção de prever novas tendências, foi dada uma atenção especial ao estudo dos meios sociais.

Em relação à moda infantil, de 1960 até 1967, a Revista do Globo diminuiu sensivelmente as imagens de crianças, pois os anúncios publicitários passaram a ter supremacia. porém, mesmo com pouco material para análise, percebemos que não houve mudança expressiva nas vestimentas das crianças de ambos os gêneros nos anos 1960, se comparados à década anterior. Talvez a única mudança considerável tenha sido na indumentária das meninas, que, assim como as mulheres, também assumiram um visual mais unissex, usando blusa e *shorts*. Os trajes unissex podem estar relacionados à busca da igualdade pelas minorias, as quais exigiam o mesmo tratamento dispensado aos homens, ou seja, desejavam ter seus direitos individuais reconhecidos e respeitados. A roupa, então, surge como um texto visual ratificador dessa busca.

O período de 1960 a 1967 (último ano de publicação da revista) revelou trajes infantis próximos aos vistos na década anterior: para as meninas o vestido em linha A, os sapatos boneca e as tiaras para enfeitar a cabeça; para os meninos o *short* com blusa e o sapato com cadarço, reforça, mais uma vez, a ideia de falta de atenção dada às crianças no que diz respeito à moda, ou seja, elas não eram o público-alvo, tampouco tão estimuladas ao consumo como o são hoje.

Essa falta de movimentação da moda revela a imobilidade dos conceitos relativos à infância, a qual não teve atenção da sociedade, talvez em virtude da grande mudança que se operou em outros grupos, como o das mulheres e o dos jovens, os quais se valeram dessa década para afirmar seus direitos sociais.



Figura 7. Revista do Globo, 31 mar. 1961

Segundo Moutinho (2003), as roupas das crianças nos anos 1960 se beneficiaram dos novos materiais sintéticos que passaram a ser utilizados na moda adulta. As roupas de tecido e tricô utilizadas pelos bebês foram substituídas por peças de malha industrializadas e o couro de pano deu lugar à calça plástica. Já as crianças mais velhas começaram a vestir camisetas e calças *jeans* em miniatura e feitas de tecidos mais confortáveis.

Os conceitos revelados pelos trajes, conforme menciona Barthes (2005), oscilam na esfera do conforto, despojamento, simplicidade, casualidade, bem como a roupa “pronta para usar”; ou seja, a criança usava roupas mais informais e possíveis de encontrar nas lojas de vestuário.

Nem mesmo as meninas, mulheres em miniatura, receberam muita atenção no que diz respeito à elaboração de uma moda específica para elas. O que se percebe, ao longo das análises realizadas, é a permanência de certos significantes, como o vestido em linha A, os sapatos boneca e o enfeite para cabeça (laços, tiaras). O significado das peças também não variou muito, revelando indivíduos pouco lembrados como consumidores pela sociedade, provavelmente porque seus pais também não os consideravam aptos para o consumo.

Além disso, como já observado por Santos (2008), as meninas aparecem mais na revista que os meninos, e as diferenças no vestir sinalizam que “desde a mais tenra infância meninos e meninas vão sendo diferenciados pelo artifício das roupas e sendo ensinados sobre a forma adequada como cada sexo deve se vestir” (DUTRA, apud SANTOS, 2008, p.10).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da moda infantil no século XX nos levou a investigar questões mais amplas referentes à infância, cujo conceito não único e estático, mas é resultado dos valores da sociedade em cada época.

Notamos muito mais permanências que mudanças na moda infantil. As pequenas modificações das roupas se davam muito mais em função das transformações da ideia de infância no decorrer da história do que em função dos modismos que surgiram em determinadas épocas, ou estavam muito mais relacionadas a fatores externos, como crises econômicas e sociais, do que com alguma alteração no universo da criança.

Tivemos muita dificuldade em coletar informações a respeito da indumentária infantil na história, pois a história da infância é pouco estudada e, conseqüentemente, as roupas que as crianças usavam é um tema considerado menor pela historiografia e pelos educadores.

Somente a partir dos anos 1980 é que surgiu um maior número de pesquisas que tratavam das questões da infância. Não obstante, se os historiadores e educadores já percebem que essas pesquisas têm grande importância, o mesmo não acontece com os profissionais ligados à moda, que insistem em tratar a criança como um adulto em miniatura, da mesma forma que a tratava a sociedade medieval.

Para conseguirmos fazer uma análise da moda infantil, optamos por trabalhar com uma fonte ainda não utilizada para tal fim, que se transformou em objeto de pesquisa.

As fotografias da Revista do Globo “não são janelas que se abrem para o passado” (MAUAD, 2000, p.141), mas representações desse passado que nos apontou caminhos para o início do estudo de um assunto ainda não explorado, que é a história da infância e da moda infantil no Brasil no século XX.

Concluimos que a moda infantil retratada nas imagens analisadas não vem ao encontro das necessidades da criança, pois na maioria das

vezes as roupas são desconfortáveis (cheias de babados e fitas), inapropriadas para o clima (vestidos e calças curtas, em um Estado em que o inverno é longo e rigoroso) e muito sérias (cores sóbrias, modelos muito “certinhos”).

Por outro lado, notamos que nem sempre a roupa da criança foi uma cópia da roupa do adulto, tendência muito forte nos dias de hoje, pois na revista encontramos muitos modelos típicos de crianças (vestidos curtos, calças curtas, grandes laços na cabeça, sapato boneca).

Acreditamos que esta pesquisa representa uma contribuição importante para a história da moda brasileira e, até para a história da infância, mas temos a convicção de que muitas outras fontes ainda podem e devem ser exploradas para se conseguir realizar um grande inventário referente à história da moda infantil no Brasil e no mundo.

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- BARBOSA, Rita Claudia Aguiar; GUEDES, Walkiria. *Vestuário e infância: entre a adequação e as determinações sociais*. Disponível em: http://fido.palermo.edu/servicios_dyc/encuentro2007/02_auspicios_publicaciones/actas_diseno/articulos_pdf/A100.pdf. Acessado em 15 dez. 2008.
- BARNARD, Malcolm. *Moda e Comunicação*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.
- BARTHES, Roland. *Inéditos: imagem e moda*. Vol. 3. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- CARDOSO, Ciro Flamarion; MAUAD, Ana Maria. História e Imagem: os exemplos da fotografia e do cinema. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História*. Ensaios de Teoria e Metodologia. 6a. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- CRANE, Diana. *A moda e seu papel social: classe, gênero e identidade das roupas*. São Paulo: Senac, 2006.
- DEL PRIORE, Mary. O cotidiano da criança livre no Brasil entre a Colônia e o Império. In: DEL PRIORE, Mary. *História das Crianças no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2000.
- DI MARCO, Regina. *História da moda infantil*. Disponível em: http://www.belezain.com.br/estilo/moda_infantil.asp. Acessado em 10 ago. 2008.

- FAUSTO, Boris. *História Concisa do Brasil*. São Paulo: Edusp, 2001.
- GONTIJO, Silvana. *80 Anos de Moda no Brasil*. São Paulo: Nova Fronteira, 1986.
- HEYWOOD, Colin. *Uma história da infância: da Idade Média à época contemporânea*. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- LEHNERT, Gertrud. *História da Moda do Século XX*. Colônia: Könemann, 2001.
- LURIE, Alison. *A Linguagem das Roupas*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- MAUAD, Ana Maria. A vida das crianças de elite durante o Império. In: DEL PRIORE, Mary. *História das Crianças no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2000.
- MESQUITA, Cristiane. *Moda contemporânea: quatro ou cinco conexões possíveis*. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2004.
- MOUTINHO, Maria Rita; VALENÇA, Máslova Teixeira. *A moda no século XX*. São Paulo: Senac, 2003.
- PAES, Maria Helena Simões. *A década de 60. Rebeldia, contestação e repressão política*. 3a. ed. São Paulo: Ática, 1995.
- POSTMAN, Neil. *O Desaparecimento da Infância*. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.
- REVISTA DO GLOBO. [CD-ROM]. Porto Alegre: Globo, 1929-1967.
- RUDIGER, Francisco Ricardo. Contribuição à História da Publicidade no Rio Grande do Sul. *Revista Famecos*, Porto Alegre, n.3, p. 42-48, set. 1995.
- SANTOS, Claudia Amaral. *A invenção da infância generificada: a pedagogia da mídia constituindo as identidades de gênero*. Disponível em <http://www.anped.org.br/reunioes/27/ge23/t231.pdf>. Acessado em 15 dez. 2008.